COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

Sobre o «Fausto» de Goethe

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Sobre o «Fausto» de Goethe", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 345-350.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

126

SOBRE O «FAUSTO» DE GOETHE

CONFORME prometemos na última emissão, aqui estamos hoje para lhes falar um pouco da obra-prima de Goethe — o drama *Fausto* — e para evocar alguns dos seus passos mais importantes. Antes de mais, convém recordar que se trata de uma das obras mais densas e complexas de *toda* a literatura europeia, que verdadeiramente emparceira — segundo alguns críticos — com os poemas homéricos e com a *Eneida* de Virgílio, com *A Divina Comédia* de Dante e com *Os Lusíadas* de Camões, com o *D. Quixote* e com o teatro shakespeariano. Para outros, no entanto, afigura-se excessivo pô-la em pé de igualdade com a maior parte destas obras que apontámos. E o certo é que o *Fausto*, em comparação com algumas delas, apresenta uma estrutura deficiente, caótica, sobrecarregada de digressões que parecem inúteis ou, pelo menos, com uma clamorosa falta de unidade no que respeita a tal estrutura. Mas não admira que assim aconteça, porque o *Fausto* foi afinal de contas elaborado ao longo de praticamente sessenta anos da vida do seu autor — e reflecte, por isso mesmo, na sua diversidade de tom e de linguagem, na acumulação dos episódios, nas ramificadas direcções que alguns deles deixam entrever, os sucessivos períodos da biografia e do pensamento do próprio Goethe. Ora tudo isto vem a constituir, como facilmente se presume, um dos maiores interesses da obra. Por outro lado, tudo isto também nos impede — por maior desejo que tivéssemos de o fazer — qualquer veleidade de apresentar, a respeito de semelhante obra, uma visão exaustiva ou sequer coerente.

Seja como for, já recordámos que o drama central da personagem Fausto é o drama do conhecimento, dos seus limites e até da sua esterilidade. Quanto a isso, evocámos mesmo, na emissão anterior, a fala inicial do protagonista. E tratemos de começar por evocar hoje — sempre na tradução de Agostinho d'Ornellas — outro monólogo de Fausto, que ocorre um pouco mais adiante e em que ele primeiro se dirige aos livros que lhe revestem o gabinete, depois a uma caveira que tem sobre a mesa de trabalho:

Os Deuses não igualo! Sinto-o a fundo;
Qual o verme sou eu que o pó revolve,
Que, vivendo no pó, dele nutrido,
Do caminhante o pé mata e soterra.

Pois não é pó o que nestas paredes
Em tantas prateleiras me sufoca?
O lixo que neste antro carunchoso,
Cheio de mil velórios, me comprime?
Hei-de aqui eu achar o que me falta?
Hei-de talvez ir ler em mil volumes
Que em toda a parte os homens padeceram,
Que aqui e ali houve um feliz entre eles?
Com teu rir descarnado tu, caveira,
Que me dizes, senão que em outro tempo,
Como o meu, delirou teu pobre cérebro,
A luz do dia procurou, com vasto
Desejo de verdade, e vagou triste
Em deprimente, lúgubre crepúsculo?
Com essas molas, rodas, alavancas
Escarneceis de mim, vós instrumentos.
Ante as portas estive a que devíeis
Servir de chaves; engenhoso é, certo,
O mecanismo vosso: mas corrê-lo,
O pesado ferrolho, não soubestes.
Amante do mistério, à luz do dia,
Não deixa despojar-se a natureza
Do seu escuro véu, e o que ao espírito
Não quiser revelar-te, nem com hélices
Lho arrebatas, nem com alavancas.
Antigos utensílios, que não uso,
Jazeis aqui porque a meu pai servistes;
E tu, polé vetusta, enegreceste
Tanto há que na banca tem ardido
A amortecida lâmpada. Mil vezes
Antes a pobre herança haver disperso,
Do que penar aqui, com este pouco
Oprimido! O que herdaste de avoengos,
Para chamá-lo teu, de novo o ganha!
O que não se aproveita é grave carga,
E só nos serve o que o momento of'rece.

É então que Fausto sente pela primeira vez a tentação do suicídio, no preciso instante em que os seus olhos, depois de fitarem a caveira, são atraídos por um frasco de veneno que se encontra numa das prateleiras do seu gabinete:

Mas porque sinto a vista acolá presa?
Aquele frasco é para os olhos íman?
Porque de súbito uma luz me inunda,
Doce como a da lua em denso bosque?

Eu te saúdo, singular redoma,
Que respeitoso para baixo tiro!
Ciência e arte humana em ti venero.
Tu, essência dos sucos soporíferos,
E das forças letais supremo extracto,
A teu senhor te mostra favorável!
Vejo-te: e meu sofrer tem lenitivo;
Toco-te: e já serena o meu anseio,
Do espírito as vagas tranquilizam-se.
Ao alto mar me sinto transportado,
Brilha a meus pés das ondas o espelho,
Uma luz nova atrai-me a novas praias.

Carro de fogo para mim flutua,
Com ligeiro oscilar! Sinto-me pronto
Por novo trilho a penetrar o Éter,
Té à esfera da pura actividade,
Este alto viver, prazer de Deuses,
Verme inda há pouco, julgas tu mer'cê-lo?
Decerto!: ousa somente desta terra
Ao adorado sol voltar as costas!
Ousa romper com energia ardente
As portas que tremendo os mais evitam!
Agora é tempo de provar com factos
Que dos Deuses não cede à majestade
A dignidade do homem, arrostando
Com esse antro terrível em que a mente,
De si mesma tormento, se condena,
Té a passagem penetrando estreita,
Em torno a cuja boca ruge o Inferno;
E ousando transpô-lo ardidamente,
Embora em risco de passar ao Nada.

Um repique de sinos, que a seguir ele escuta e que anuncia, na manhã de Páscoa, a ressurreição de Cristo, é que o impede, no último momento, de consumar o suicídio... No entanto, mais tarde, surge-lhe Mefistófeles. E Mefistófeles assenta com ele o tenebroso pacto de lhe dar o poder e a juventude em troca da

própria alma de Fausto. Concluídos os preliminares do tratado, e como Fausto já não se encontra disposto a receber um estudante que o procura, é então Mefistófeles quem o recebe, depois de se disfarçar com os trajos de Fausto. O diálogo entre os dois — entre Mefistófeles disfarçado de Fausto e o tal estudante — é um dos episódios mais saborosos de toda a peça, porquanto Mefistófeles aproveita a situação para «contestar», da maneira mais corrosiva, o ensino da época e para, do mesmo passo, dissuadir o pobre estudante de estudar o quer que seja. Vejamos, pela nossa parte, alguns aspectos dessa «contestação global» de Mefistófeles que se mostra, para mais, apresentada sob uma forma irónica — ou seja: sob a forma de um incitamento — quando é justamente o contrário o que ele pretende. Em primeiro lugar, ouçamos o que diz Mefistófeles a respeito do ensino da Lógica:

Empregai bem o fugitivo tempo!
Ensina a boa ordem a ganhá-lo.
O conselho que dou, meu caro amigo,
É, primeiro que tudo, aula de Lógica.
Aí vos hão-de dar à mente ensino,
Em borzeguins estreitos apertando-a,
Por que percorra com airoso passo
A estrada do pensar, e não vagueie
Por aqui, por ali, qual fogo fátuo.
Depois, dias e dias vos demonstram
Que o que de uma assentada antes fazíeis,
— Por exemplo, comer — é necessário
Que conteis um, dois, três, para fazê-lo.
Verdade é que a fábrica de ideias
A um tear se assemelha: cada piso
Vai mil fios mover que se entretecem
Escondidos à vista. Acima, abaixo
Correndo a lançadeira, a cada golpe
Prende mil ligações. Chega o Filósofo,
E que assim deve ser demonstra logo:
Foi o primeiro assim, assim segundo,
Serão portanto assim terceiro e quarto;
Se primeiro e segundo não houvesse,
Terceiro e quarto não seriam nunca.
Isto faz as delícias dos discípulos,
Mas a ser tecelões nunca aprenderam...
Quem um ser vivo conhecer procura,
Começa logo por tirar-lhe a vida;

As partes depois tem, mas já lhes falta
O espírito que as liga e que as anima.

Seguidamente, eis os conselhos de Mefistófeles — verdadeiros conselhos do diabo... — quanto ao ensino da Metafísica:

Logo depois, primeiro que o mais tudo,
Dedicar-vos deveis à Metafísica!
Haveis de ver que percebeis a fundo
O que não cabe ao homem no miolo!
Para o que nele entrar pode e não pode,
Palavra achareis sempre altissonante.
Mas sobretudo agora, este semestre,
Um método segui mui rigoroso!
Cinco aulas por dia, e entrai nelas
À hora em ponto, não sem predispor-vos,
Estudando deveras os parágrafos,
Para bem conhecer que o sábio mestre
Nada mais diz do que já 'stá no livro!
Mas tomai, cuidadoso, apontamentos,
Como se vos ditasse o Paracleto!

Mais adiante, como o estudante manifeste o desejo de estudar Medicina, Mefistófeles — «já cansado», como ele diz, «deste tom pedante» e decidido a «fazer outra vez papel de demo» — dá então os conselhos mais escabrosos, em que inteiramente se revela a sua condição demoníaca:

Da Medicina o fundo, sem trabalho
Se pode compr'ender: — Todo o Universo
Estudais, para alfim deixar que ande
Como a Deus aprouver. Perdeis o tempo
Em doutos devaneios engolfando-vos,
Ninguém aprende mais que aprender pode;
Sábio é quem se vale do momento.
Não me par'ceis mal feito, e ousadia
Decerto vos não falta; se em vós mesmo
Tiverdes confiança, os outros homens
Em vós confiarão. Deveis mormente
Saber levar as lindas senhoritas!
Suas queixas sem fim, seus mil achaques
Com um *remédio único se curam;*

E se sabeis salvar as aparências,
Na mão as tendes todas. Honorífico
Título lhes demonstre que ciência
Possuís que a de muitos mais profunda;
Assim, logo ao entrar, venceis obstáculos
Em que outro levara uns poucos de anos;
Aprendei a apalpar-lhes o pulsinho,
E com olhar de fogo ide apalpando
A cintura gentil, a ver se acaso
Demasiado aperta o espartilho...

Ao ouvir estas palavras — que vão, evidentemente, ao encontro dos seus próprios apetites mais imediatos —, o estudante rejubila e ei-lo que exclama:

Isso é outro falar!... Já 'stou contente,
Já percebo melhor o como e o quando.

Ao que Mefistófeles, por sua vez, responde:

Pálida, amigo, é toda a teoria,
Mas a árvor' da vida é verdejante.

Do mais que se passa na peça não nos compete agora falar. Mas, servindo-nos destes dois versos que Goethe colocou na boca de Mefistófeles, talvez nós possamos, à maneira de epílogo, sintetizar aquilo que verdadeiramente faz a grandeza do nosso poeta: sem nunca ter deixado de ver e de sentir que «a árvore da vida é verdejante», ele soube todavia mostrar, ao contrário de Mefistófeles, que a «teoria», por seu lado — «toda a teoria» —, igualmente pode ser «verdejante» se à própria vida se encontrar vinculada.